

BIBI TATTO



Planeta

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

1º de janeiro

Mano do céu, como inicio isto?

Tudo começou quando a professora de literatura e o professor de artes se juntaram. Calma, calma que o famoso ship #Malícia ainda não é real. O professor Matheus continua namorando a chata da professora de matemática e estragando os nossos planos de uni-lo à professora Felícia.

O que aconteceu foi que os dois se juntaram (profissionalmente) e decidiram passar uma tarefa pro próximo ano. É, eu sei. Devia ter uma lei proibindo os professores do oitavo ano de passar lição pra um nono ano que nem começou ainda.

Como ninguém criou a lei, teve lição e aqui estou eu, no primeiro dia do ano, escrevendo a primeira página deste diário. Segundo o casal #Malícia, é uma tarefa que deve durar o ano inteiro. Isso é permitido, por acaso?

Eu dei uma consultada de leve no Google e, pelo que parece, é sim.

Enfim, agora tenho que escrever sobre mim, meu dia a dia, meus amigos, minha família e meus sentimentos. Até parece que vou contar tudo isso! Acho que já

ficou claro o motivo de eu estar aqui mordendo a ponta da caneta entre uma palavra e outra.

Status da primeira missão: cumprida.

Até qualquer dia aí.



26 de janeiro

É, sumi mesmo, por motivos de... minha caneta sumiu.

Eu sei que poderia ter pedido uma pra minha mãe ou até pegado outra nas dezenas que estão na escrivaninha, mas me apeguei a ela, sabe? Achei que deveria escrever no diário com a mesma caneta. Deve ser culpa do meu TOC! É sério!

Mentira. Hahaha!

Nesse caso, é desculpa. É meio errado enganar o próprio diário.

A verdade é que não escrevi porque não me senti segura.

Tecnicamente, não estou tão fora assim da lição, já que o ano letivo não começou, mas, como ele inicia na segunda, decidi que era melhor voltar pra essa tarefa superlegal *olhos revirando*, enquanto espero a lista das classes ser liberada no site da escola.

Eu estudo no Colégio Cruzeiro do Pardo desde sempre, assim como os meus amigos. Já que vamos pro nono ano, esperamos cair na mesma sala. Estou bem tranquila. Não é possível que vão nos separar no último ano antes do ensino médio.

A lista será liberada às 15h30 e meu celular explodiu com mensagens o dia todo. O Pedro e a Juliana não são tão calminhos quanto eu e estão surtando com a possibilidade de cairmos em salas separadas.

Pedro: Cara, eu não sei o que eu faço se cairmos em salas separadas.

Juliana: Nem fala, porque o meu coração chega a parar de medo.

OU Planeta
TRO

Eu: Ih, gente, relaxa. Vai dar tudo certo, como sempre.

Eles seguiram se desesperando e eu segui de boa.

* * *

Mesmo dia, à tarde...

AAAAAAAAAAHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHH!
ME MUDARAM DE SALA!

EU CAÍ SOZINHA NUMA SALA CHEIA DE ALU-
NOS COM QUEM EU NUNCA CONVERSEI!!!

AH, MEU DEUS! POR QUÊ?

COMO EU RESOLVO ISSO?

POR QUÊ? POR QUÊ? POR QUÊ?

* * *

Mesmo dia, à noite...

Eita, acho que talvez eu tenha exagerado um tiqui-
nho. Não é possível que seja assim tão ruim. Realmen-
te, nunca conversei com ninguém da outra sala, porque
sou bem fechada com a minha turma, mas posso fazer
novos amigos.

Respira, Bibi. Vai dar tudo certo.

Ah, nem me apresentei, né?

Vou fazer isso agora. Assim, paro de pensar no pri-
meiro dia de aula.

Meu nome é Bianca Tatto Marques. Tenho catorze
anos e um montão de sonhos. Sou meio tímida e por
isso me assusta um pouco a mudança de sala. (Não é
pra pensar nisso agora, lembra?)

Eu amo música. Estudo violão e arrisco compor

algumas canções de vez em quando, mas ainda não mostrei pra ninguém.

Ao contrário das meninas da minha idade, que na maior parte do tempo sonham com a famosa festa de quinze anos, eu só penso em ser cantora e tenho um plano bem formadinho. Quer dizer, na verdade eu sei o começo dele, que é ganhar o festival de música da escola no final do ano, mas isso envolve muito tempo de preparação.

A idade mínima pra se inscrever é quinze anos e eu passei muito tempo desejando demais que esse dia chegasse. O problema é que, agora que chegou, estou com um medo gigante!

E se eu parar de pensar no medo e pensar que vou estar numa sala diferente na segunda-feira?

Caramba, Bibi! Não tem nada melhorzinho pra pensar, não? #ToBemTriste

29 de janeiro

Aquela manhã

Não sei se quero escrever sobre o dia de hoje. Ao mesmo tempo, me fez bem escrever no dia da divulgação da lista.

Meu celular despertou às 6h30, como em todos os dias que tenho aula. Eu continuava tentando me manter positiva, mas era chato saber que não ia mais encontrar meus amigos o tempo todo. Sei que vamos continuar nos falando e nos vendo no intervalo, mas é diferente.

Na cozinha, meus pais, Fabio e Kátia, já estavam tomando café. Eles me fizeram algumas perguntas aleatórias, tentando me animar. Sorri pra mostrar pra eles que estava bem, mas nem lembro direito o que disseram porque meus pensamentos estavam longe.

Meu irmão Gabriel, o Gagui, entrou na cozinha arrastando a mochila e desabou na cadeira ao meu lado, mordendo um dos sanduíches que minha mãe havia preparado pra gente. Ele é só um ano mais novo que eu. Somos bem próximos e até que brigamos pouco se compararmos com alguns irmãos que eu conheço.

Terminei de comer e me despedi da minha mãe, que me abraçou e sorriu, toda confiante de que eu ficaria bem, mas com aquele coraçãozinho apertado de mãe, sabe? Conheço bem.

No carro, meu pai ligou o rádio e foi conversando sobre o que a gente esperava do dia. Tudo o que eu pensava era: que seja bom, por favor.

O Pedro e a Juliana me esperavam na entrada e mal me despedi do meu pai antes de correr pra eles.

— E aí, galera? — já fui cumprimentando. — Afe, que sorrisinho amarelo é esse?

— Ah, estamos chateados. — A Ju me abraçou. E, olha, isso é raro, viu? Ela não gosta muito de sair abraçando os outros. — Como podem separar a gente bem no último ano?

Fiquei olhando pros cabelos longos e loiros dela, que contrastavam com os meus bem escuros, e sorri.

— Tá tudo bem, meu. Sério. Tá tranquilo.

— Tem certeza? — Pedro perguntou. — Aquela sala tem um pessoal bem idiota.

Sei a que ele se referia: a pior panelinha da escola.

— Tenho, sim. Vai ficar tudo bem.

Foi o que eu repeti pela milésima vez.

E, veja bem, não ficou, não...

29 de janeiro, à noite

Estou aqui, jogada na cama, depois de comer uma lasanha incrível que minha mãe preparou. Comida gostosa dá um conforto nessas horas.

Continuo relembando minha manhã. Cheguei confiante ao colégio. Eu sabia que não iam ser mil maravilhas, mas podia me acostumar.

Eu tinha uma esperança boba de que algo podia acontecer, de que, em algum momento durante a primeira aula, o diretor ia entrar na sala correndo dizendo que tinha havido um grande erro e que, na verdade, eu ia continuar na sala antiga. Afinal, eu costumava ser muito sortuda até este ano.

Quando vi que isso não ia ocorrer, comecei a pensar que podia aprender sozinha tudo que a escola ensina ou passar a estudar em casa, mas NUNCA que meus pais deixariam. Eles são muito legais, mas também não é pra tanto, né?!

Existem três nonos anos na escola e, pelo que parecia, fui a única do 8ºA que tinha passado pro 9ºC. Entrei meio sem jeito na sala, ajeitando a mochila nas costas. Não havia muitos lugares livres e escolhi a última

carteira. Sempre fui da turma do fundão. Demorei um pouco pra entrar porque fiquei conversando com o Pedro e a Juliana até depois que o sinal tocou. Deu uma dorzinha vê-los entrar na sala ao lado. Mas sorri mesmo assim, porque sou forte e não era uma mudança dessas que ia me abalar. Pelo menos, foi o que pensei na hora.

As coisas até que corriam bem, eu estava sentada sozinha, batendo os dedos na mesa e esperando o professor chegar, até que ouvi uma voz familiar e levantei a cabeça. Ah, não! Era a Jéssica.

JÁ NÃO BASTAVA ME TIRAR DOS MEUS AMIGOS,
TINHAM QUE ME COLOCAR COM ELA?

Eu meio que entrei em pânico, mas não demorou muito até eu me acalmar.

Não exagera, Bibi. Aquilo aconteceu há dois anos e ela já deve ter esquecido.

Meus pensamentos voltaram a um tempo em que a Jéssica era uma das minhas melhores amigas. Nós vivíamos grudadas e ela dormia bastante lá em casa. Aí, teve a festa à fantasia da escola e nenhuma de nós quis contar do que nos fantasiaríamos, pra surpresa ser maior. Eu já era a maior viciada em Minecraft, enquanto ela amava qualquer coisa da Disney. Então, não deu

outra: fui como um personagem do jogo e ela como a Branca de Neve.

Eu achei nossas fantasias o máximo e, a princípio, ela também. O problema é que um pessoal começou a dizer que eu estava parecendo um menino e ela ficou meio sem jeito, querendo fazer parte da galera. Bom, eu nem liguei. Meus pais me ensinaram a não dar ouvidos a esse tipo de crítica vazia. Usar a fantasia do Minecraft não fazia de mim nada além da Bibi usando uma fantasia do Minecraft, ué. Então, quem não entendesse isso que ficasse longe.

O problema é que a Jéssica não pensava assim, não, e culpou quem pelo pessoal ficar falando? Quem? QUEM?

Euzinha.

Eu queria saber como é que eu podia ser culpada pela perseguição idiota deles.

A Jéssica parou de falar comigo naquela noite mesmo e ignorou qualquer tentativa minha de contato depois. Pra falar a verdade, eu nunca entendi a reação dela.

Foi bem ruim, mas eu tinha o Pedro e a Juliana. Quando uma amizade é verdadeira, não termina por algo tão bobo. Mantive isso em mente e deixei o passado de lado.

Como continuamos estudando na mesma escola, às vezes nos esbarrávamos. A reação dela era sempre a mesma: fingir que eu era invisível. *Me imagine revirando os olhos aqui.*

Não há nada mais bobo e cruel do que fingir que alguém é invisível.

Se bem que eu preferia que ela tivesse continuado a agir assim ao me ver na mesma sala de aula que ela. Assim que nossos olhares se cruzaram, ela começou a cochichar com as amigas dela. Uma até soltou algo do tipo:

— Olha como ela se veste, parece um menino.

Posso revirar os olhos de novo sem parecer repetitiva?

Não era agora que eu ia me importar com esse tipo de coisa. Roupa nem devia ter gênero.

Fiquei de boa até perceber uma coisa: elas estavam inchando as bochechas. Saquei na hora do que elas estavam falando.

Nas últimas férias, eu meio que ganhei uns quilinhos. Nem liguei muito, pois meu pai disse que tinha alguma coisa a ver com hormônios, sei lá. Eu estava bem com isso, mas, quando percebi que elas estavam dando risada e zombando de mim, de uma hora pra outra, comecei a me sentir mal.